

# No compasso do versionista



Foto: Divulgação

Adriana Fiuza Meinberg, autora da dissertação: "A tradução de uma letra de música precisa lidar com um gênero que a teoria chama de híbrido, pois não se trata apenas de um texto linguístico, mas também de um texto musical"

PATRÍCIA LAURETTI  
patricia.lauretti@reitoria.unicamp.br

**C**arnavale di Venezia, Opus 10, composição do século 19 do violonista italiano Niccolò Paganini, pode não ser tão conhecida. Mas a cantiga de roda *O meu chapéu tem três pontas*, esta sim, está na boca do povo. E pode ouvir, caso tenha dúvida – trata-se da mesma melodia. *Carnevale* tornou-se uma canção veneziana, e depois viajou para o além-mar, até aportar no Brasil, na bagagem de imigrantes italianos. *Fascinação*, imortalizada por Elis Regina, é originalmente uma canção popular francesa, da mesma forma que *My Way*, clássico de Frank Sinatra, de Sinatra tem “somente” a voz, colocada na versão inglesa de *Comme d’habitude*, de Claude François.

As traduções de canções viajam o mundo recebendo, aqui e acolá, modificações e adequações para a língua de destino, com o objetivo de que possam ser cantadas e fazer sucesso, porque afinal de contas, é o que busca a maioria dos versionistas. Mas por que traduzir canções e o que seria uma boa tradução musical? A pergunta que “parece inútil, porque muitas vezes sequer sabemos que estamos ouvindo uma canção traduzida” nos ajuda a refletir sobre “aquilo a que estamos tão acostumados, que já naturalizamos, e acabamos por não mais escutar”, como afirma Adriana Fiuza Meinberg em sua dissertação de mestrado.

De acordo com Adriana, seu trabalho, apresentado ao Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), é um dos poucos na área, considerando um tipo de tradução cantável de música que não é folclórica ou erudita, mas simplesmente popular. Além de tradutora, a autora da dissertação é cantora e conhecer música foi fundamental na hora de analisar as canções escolhidas para o trabalho. “A tradução de uma letra de música precisa lidar com um gênero que a teoria chama de híbrido, pois não se trata apenas de um texto linguístico, mas também de um texto musical”.

Além de refletir sobre a tradução de canções populares, procurando entender quais fatores são levados em conta, a autora se preocupa com o ofício do versionista. “Não temos a definição de quem é esse profissional, que dificilmente é um tradutor. Há versões criadas por cantores, por poetas e até por jornalistas. Há inclusive, por incrível que possa parecer, o versionista que não conhece

música ou o idioma que ele está traduzindo”. Adriana conta que um dos principais tradutores que trabalhou nas músicas de Tom Jobim não conhecia o português.

Para realizar a pesquisa Adriana definiu um *corpus*, formado por canções do disco chamado *Brasil*, de 1987, do quarteto vocal norte-americano *Manhattan Transfer*. O grupo gravou cinco canções de Djavan (*Sina/Soul food to go*; *Aça/The zoo blues*; *Capim*; *Esquinas/So you say*; e *Água*) duas de Ivan Lins (*Arlequin desconhecido/Metropolis* e *Antes que seja tarde/Notes from the underground*), uma de Gilberto Gil (*Bahia de todas as contos/ Hear the voices*) e uma do Milton Nascimento (*Viola Violar/ The jungle pioneer*). Dentre as canções, somente *Água* foi gravada em português.

“É um grupo vocal que desenvolve um trabalho de gênero jazzístico. Eles gravaram essas canções num período em que os EUA experimentaram o que foi chamado pelo produtor e músico Quincy Jones como a ‘segunda invasão brasileira’ na cultura musical norte-americana, após a Bossa Nova. Esses compositores, e alguns outros dessa mesma geração, começaram a entrar no mercado americano e havia muito interesse nesse novo mercado para os músicos brasileiros”, destaca.

A pesquisadora esclarece que há uma diferença entre os termos versão e tradução. “Na área de Estudos de Tradução o ato de se traduzir do português para qualquer outro idioma é denominado de *versão*, enquanto que tradução nomeia o processo inverso. Contudo, aparentemente somente no Brasil, quando se trata de tradução de canções, usa-se a palavra *versão*. Nos outros países esse processo é tratado como uma *tradução*”.

## SUCESSO

Fazer sucesso ou não será uma boa medida de avaliação das traduções? Adriana garante que quem conhece o outro idioma sabe da dificuldade que é encaixar na melodia as palavras da tradução. O mais trabalhoso é encaixar a tradução nas notas musicais. “A sílaba tônica, por exemplo, deve coincidir com o tempo forte dos compassos, e esse é um trabalho muito difícil de recriação artística. Traduções absolutamente fiéis, que têm muita relação com o original, às vezes ‘não acontecem’”. Pode ser o caso do trabalho do letrista brasileiro Carlos Rennó em traduções para o português de canções *standarts* norte-americanas. “O trabalho de tradução é primoroso, mas as músicas não fizeram

sucesso, com exceção de uma ou outra que constaram de trilhas sonoras de novela”. Uma das razões apontadas pela pesquisadora é que o mercado é quem determina como a tradução será feita e a repercussão depende dessa escolha.

## TEORIA

O texto linguístico tem particularidades em relação ao texto musical. A pesquisa utiliza como referência o trabalho de dois teóricos, um deles Klaus Kaindl, professor da Universidade de Viena, que faz uma análise da tradução de canções populares via estudos culturais. “Ele diz que, em primeiro lugar, a razão para que seja feita uma versão é essencialmente comercial, mercadológica. Desse modo, se uma dupla sertaneja decide gravar a versão de uma canção, há vários elementos a serem levados em conta: o público desses artistas e sua expectativa, o gênero musical, os temas normalmente abordados nessas canções. Assim, o resultado da versão criada necessariamente deverá se adequar à realidade desses elementos”.

O outro teórico bastante citado na dissertação, Peter Low, desconsidera como um trabalho de tradução, a substituição de textos. “O teórico trabalha especificamente com a relação entre texto linguístico e texto musical sem levar em consideração as forças exercidas pelo mercado, ou a participação de cantores e arranjadores quando a canção vertida é de fato executada”.

Os dois pesquisadores oferecem trabalhos que se complementam para a compreensão do resultado de uma versão, observa a autora. “Klaus Kaindl defende que as versões são fruto não apenas do trabalho do versionista, mas que as escolhas feitas pelo arranjador e a personalidade musical do intérprete são também formas de tradução que acabam por influenciar essa versão. Ou seja, o versionista não é o único responsável pela versão das canções populares. Há um grupo de pessoas que divide uma coautoria dessas versões, até mesmo o empresário ou o produtor musical”.

A coautoria ocorre até mesmo em canções interpretadas em um mesmo idioma, salienta Adriana. “Elis Regina criou uma versão para *Saudosa Maloca* completamente diferente daquela apresentada por seu compositor e intérprete Adoniram Barbosa, que por sua vez canta essa canção em tom irônico e em ritmo de samba. Elis Regina imprimiu a essa

canção uma interpretação muito dramática, destacando um problema social que é expulsão de posseiros de um pedaço de terra”.

Também Milton Nascimento, em *Crooner* (1999), gravou canções lembrando a época em que se apresentava em bailes. Nesse disco, ele traz sua interpretação da canção *Beat it*, de Michael Jackson. “Ele trouxe a personalidade musical dele para esta música, arranjada pelo Wagner Tiso. O que se ouve não é apenas uma canção de muito sucesso e amplamente conhecida cantada em seu idioma original, mas um arranjo criado por um músico de outra cultura, com sua formação musical própria e um intérprete brasileiro que carrega suas próprias influências musicais”.

Carlos Rennó, entrevistado pela autora, afirmou que em sua versão da canção *I’ve got a crush on you*, de Ira e George Gershwin, utilizou elementos nordestinos porque pensou em ter, como intérpretes, Elba Ramalho e Dominginhos. O título em português ficou *Tenho um xodó por ti*. “Isso só confirma o fato de que o intérprete passa a ser coautor, ao lado do letrista e do arranjador. A versão em português traz sonoridades típicas da música nordestina, como o acordeão, por exemplo”, acentua Adriana.

## BRASIL

Das músicas gravadas pelo grupo *Manhattan Transfer* para o disco *Brasil*, a pesquisadora destaca a canção *Soul you say*, versão homofônica (que tem o mesmo som) para a canção *Só eu Sei*, de Djavan. A letra em inglês procura levar em conta a sonoridade das palavras acima de sua significação. Nesta canção, a versionista conseguiu dizer a mesma coisa, mas com outras palavras, conforme Adriana. “As traduções homofônicas são pouco comuns no Brasil. Além disso, tendemos a presumir que se privilegiou a semelhança fônica (sonora) em detrimento absoluto da carga semântica da letra original (seu significado). Contudo, foi justamente isso o que me chamou a atenção nessa versão. Ao cotejar versão e original, percebi que mesmo homofônica, a seu modo, a versionista Amanda Brown levou em conta a carga semântica da letra original ao tratar da mesma temática utilizando outras palavras”. Como o grupo se alinha ao gênero de jazz, as versões destacam – se pela sonoridade do arranjo, e pela preocupação com o texto musical.

A versão dessa canção de Djavan é um dos exemplos que conseguem trabalhar igualmente texto linguístico, ou escrito, e o texto musical, que é o trabalho que engloba a melodia, interpretação e todas as características ligadas ao som. “Do ponto de vista da tradução cantável do texto linguístico de uma canção, trata-se de um trabalho de recriação poética e, portanto, absolutamente atrelado ao som, elemento fundamental da poesia. Letra e música passam a atribuir significação uma à outra”. A análise mostrou, sobretudo, que a tradução cantável de canções populares constitui um gênero que a autora considera de tradução “multimodal”, pois deve lidar com elementos verbais e não verbais.

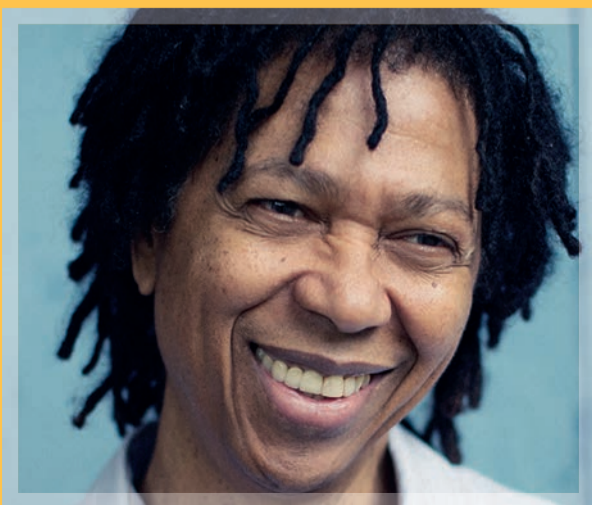
## Publicação

**Dissertação:** “Tradução e música: versões cantáveis de canções populares”

**Autora:** Adriana Fiuza Meinberg

**Orientadora:** Maria Viviane do Amaral Veras

**Unidade:** Instituto de Estudos da Linguagem (IEL)



Fotos: Divulgação

A pesquisadora analisou canções vertidas para o inglês de Milton Nascimento, Djavan e Ivan Lins: “segunda invasão brasileira” no mercado norte-americano